



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

Praça da Revolução, AC: Criatividade e tradição na requalificação paisagística

Revolução Square, AC: Creativity and tradition in landscape rehabilitation

Plaza de la Revolución, AC: La creatividad y la tradición en la rehabilitación del paisaje

FERREIRA, Alda Azevedo

Arquiteta e Urbanista e Mestre em Desenvolvimento Urbano pela Universidade Federal de Pernambuco (MDU-UFPE); Doutoranda da Pós-graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PROARQ- UFRJ); aldazevedo@yahoo.com.br

ONO, Fernando Pedro de Carvalho

Licenciado em Educação Artística pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (EBA-UFRJ); Mestrando do Programa de Pós Graduação em Artes Visuais da UFRJ (PPGAV-UFRJ); fono_6@yahoo.com.br

PIMENTEL, Viviane

Arquiteta e Urbanista e Mestre em História e Preservação do Patrimônio Cultural pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (PROARQ-UFRJ); Professora da Faculdades Integradas Espírito-Santenses (FAESA), Doutoranda da Pós-graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PROARQ- UFRJ); pimentelvix@gmail.com

RESUMO

A Praça da Revolução Cel. Plácido de Castro, localizada na cidade de Rio Branco, Estado do Acre, teve seu projeto de requalificação paisagística elaborado em 2005 pelo escritório Burle Marx e Cia Ltda. Como pré-requisito, foi solicitado que a criação mantivesse uma relação tangível com a conservação da memória do lugar. O presente artigo apresenta uma descrição da criação do projeto paisagístico, a partir de depoimentos obtidos em entrevistas ao arquiteto Haruyoshi Ono, diretor geral do escritório Burle Marx e Cia Ltda., contextualizadas ao momento histórico-cultural, a fim de compreender o cenário que reflete em suas decisões projetuais. Através desta investigação pôde-se observar que preocupações com a conservação da paisagem são transversais à concepção e definem sua sustentabilidade, englobando relações com a cultura, o meio ambiente, e o social, sem perder de vista a estética e a preservação da identidade do lugar, e sintetizam o compromisso ético do paisagista contemporâneo.

PALAVRAS-CHAVE: Paisagem; Paisagismo; Identidade; Praça da Revolução; Haruyoshi Ono.

ABSTRACT

The Plaza of the Revolution Colonel . Plácido de Castro , located in the city of Rio Branco , Acre State, had his landscape rehabilitation project developed in 2005 by Burle Marx and Cia Ltda . As a prerequisite ,the establishment had to maintain a tangible relationship with the conservation of the place memory. This article presents a description of the creation of landscape design , from statements obtained in interviews the architect



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

Haruyoshi Ono , director general of the Burle Marx and Cia Ltda., contextualized by the historical - cultural moment, to understand the scenario that reflects in their project decisions. Through this research it was noted that concerns about land conservation are transverse to design and define their sustainability, encompassing relations to culture , environment , and social , without losing sight of the aesthetic and the preservation of the identity of the place, and summarize the ethical commitment of the contemporary landscape architect .

KEY-WORDS: Landscape, Landscaping, Identity; Revolução Square; Haruyoshi Ono.

RESUMEN

La Revolución Cel Square. Plácido de Castro, ubicada en la ciudad de Río Branco, Acre, tuvo su proyecto de rehabilitación del medio ambiente desarrollado en 2005 por la oficina Burle Marx y Cia Ltda. Como requisito previo, pedimos la creación mantuvo una conexión tangible con la conservación de la memoria lugar. Este artículo presenta una descripción de la creación del diseño del paisaje, de las declaraciones obtenidas en las entrevistas a arquitecto Haruyoshi Ono, director general de la oficina Burle Marx y Cia Ltda., Contextualizada con el momento histórico-cultural a fin de comprender el escenario que refleja en sus decisiones del proyecto. A través de esta investigación se observó que la preocupación por la conservación del paisaje son transversales al diseño y definen su sostenibilidad, que abarca las relaciones con la cultura, el medio ambiente y el desarrollo social, sin perder de vista la estética y la preservación de la identidad del lugar y sintetizar el compromiso ético del paisaje contemporáneo.

PALABRAS-CLAVE: Paisaje; Paisajismo; identidad; Plaza de la Revolución; Haruyoshi Ono.

1 INTRODUÇÃO

A Praça da Revolução Cel. Plácido de Castro é um logradouro público localizado na Cidade de Rio Branco, capital do Estado do Acre, que de acordo com informações da Fundação Municipal Garibaldi Brasil (FGB) ¹, compreende uma área de 11 mil m². Geograficamente, sua localização está incluída no Bioma da Floresta Amazônica que, segundo Aziz Ab' Saber, significa dizer que está “no cinturão de máxima diversidade biológica do planeta” (2003, p.65). Dessa forma, a região caracteriza-se pelo clima equatorial úmido com predominância da vegetação de alta densidade florestal, com elevado índice pluviométrico e rios pertencentes à Bacia Hidrográfica do Rio Amazonas, e pelas sutis variações de ecossistemas (Figura 1).

Figura 1: Imagem de satélite da Praça da Revolução, AC.



Fonte: Google Maps.

A história da praça remete ao início da formação da cidade de Rio Branco e do próprio Estado do Acre. De acordo com informações cedidas pela Fundação Municipal de Cultura Garibaldi Brasil, a partir de meados dos anos 1920, foi construído o Quartel da Guarda Territorial do Acre e a Penitenciária, com um espaço livre central que foi denominado Praça Rodrigues Alves. Posteriormente, a praça recebeu uma estátua em homenagem ao Coronel Plácido de Castro, passando a ser chamada pela população de Praça Plácido de Castro.

Ao longo das décadas de 70 e 80, ainda segundo pesquisa da FGB, a Praça Plácido de Castro passou por grave descaso dos governantes em sua manutenção, passando a ser tomada por vândalos e pelo comércio informal, que culminou com seu abandono e rejeição por parte da população. Esta situação perdurou até os anos 90, quando foram providenciadas algumas melhoras. Posteriormente, esses problemas tornaram a acontecer provocando sua descaracterização até o ano de 2004.

Gradativamente, esta praça foi afirmando seu significado na paisagem, enfatizando sua identidade como principal espaço público da cidade de Rio Branco, e um dos únicos pontos de diversão da população. Entretanto, é com a reforma encomendada ao escritório Burle Marx e Cia., que o lugar adquiriu sua atual feição, e passou a ser chamada de Praça da Revolução Cel. Plácido de Castro.

A solicitação do projeto paisagístico para a Praça da Revolução Cel. Plácido de Castro foi proveniente de uma parceria entre a Prefeitura da Cidade de Rio Branco e o Governo do Estado do Acre, que estabeleceram como prioridade o resgate e a preservação da história acreana. Sua criação foi

solicitada no ano de 2005, tendo como um dos pré-requisitos a relação tangível com a memória do lugar, almejando a conservação de sua paisagem.

Contudo, até o presente momento, não há estudos sobre a referida praça. Assim, o presente artigo apresenta uma descrição da criação do projeto paisagístico a partir de depoimentos obtidos em entrevistas abertas ao arquiteto Haruyoshi Ono, diretor geral do escritório Burle Marx e Cia Ltda.

2 A REQUALIFICAÇÃO PAISAGÍSTICA DA PRAÇA DA REVOLUÇÃO

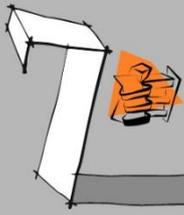
O projeto paisagístico para a Praça da Revolução Cel. Plácido de Castro foi desenvolvido pelo arquiteto Haruyoshi Ono no ano de 2005, juntamente com a equipe do escritório Burle Marx e Cia Ltda., e compreende uma área de 11 mil m². Em suas resoluções Ono buscou atender às solicitações das diretrizes políticas sem abstrair de seus princípios projetuais, consolidados ao longo de sua trajetória profissional. Em entrevista concedida em 2011ⁱⁱ, ele relata que para elaborar sua concepção paisagística um dos principais pontos de partida foram os aspectos físicos, como a vegetação, o clima, a topografia, que caracterizam o meio ambiente, e culturais. Segundo Ono,

Tem que conhecer bem o local para onde o projeto se destina, observar o entorno. Isso é muito importante porque o projeto, independente do tamanho, vai fazer parte de um conjunto, vai ser inserido. **Isso significa observar o clima, a temperatura, todos os aspectos físicos, que devem ser vistos logo no início** [Grifo nosso].

Assim, o princípio fundamental que regeu a concepção paisagística de Haruyoshi Ono na Praça da Revolução pode ser interpretado como uma busca pela relação com o espírito do lugar. A ideia de *locus*, ou lugar, de acordo com Kate Nesbitt (2008), é resultado da combinação das necessidades humanas com um sítio natural determinado. Essa circunstância deu-se no período clássico e representava a convicção de que um local específico, ao qual se atribuíam valor simbólico, governado pelo *genius loci*, ou espírito do lugar, divindade local que protegia e cuidava de tudo que se passava nele.

O conceito do *genius loci*, ou espírito do lugar, foi retomado pela teoria da arquitetura a partir dos anos 60, em reação à postura modernista de ruptura com a tradição historicista ou simbólica como princípio projetual para a concepção em arquitetura. Dentre os teóricos que defendem este pensamento, destaca-se o arquiteto norueguês Christian Norberg-Schulz, que reflete que a natureza é uma totalidade, entretanto um lugar “(...) de acordo com as circunstâncias locais, possui uma identidade peculiar” (Norberg-Schulz in Nesbitt, 2008, p.448).

Neste sentido, ainda segundo Norberg-Schulz, toda paisagem possui identidade e é subordinada ao meio ambiente em que se encontra, relacionando com isso as ações antrópicas especificamente ao



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

seu respectivo meio físico e biológico, ou seja, ao sítio natural determinado. Vista dessa maneira, o espírito do lugar remete à ideia de um sítio ao qual é ao é atribuído significado por um grupo social, tornando-se assim um lugar simbólico, cujo caráter é entendido como uma das suas características fundamentais. Segundo definição da Declaração de Quebec, resultante da 16ª Assembléia Geral do Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (ICOMOS) ⁱⁱⁱ:

O espírito do lugar oferece uma compreensão mais abrangente do caráter vivo e, ao mesmo tempo, permanente de monumentos, sítios e paisagens culturais. Supre uma visão rica, mais dinâmica e abrangente do patrimônio cultural. O espírito do lugar existe, de uma forma ou de outra em praticamente todas as culturas do mundo e é construído por seres humanos em resposta às suas necessidades sociais. As comunidades que habitam o lugar, especialmente quando se trata de sociedades tradicionais, deveriam estar intimamente associadas à proteção de sua memória, vitalidade, continuidade e espiritualidade.

A preservação destas características pode ser considerada objetivo da atividade de criação da paisagem, visando “descobrir os sentidos potenciais que estão presentes num meio dado *a priori*” (Magalhães, 2001, p. 239). Sua importância deve-se a uma situação fundamental para a função psicológica do homem, que necessita orientar-se e identificar-se com o ambiente. A identificação acontece pela sensação de proteção, que é obtida a partir de seu auto-reconhecimento em determinado lugar que lhe é peculiar.

A interpretação do espírito do lugar correspondia a um dos procedimentos adotados por Roberto Burle Marx, que dizia que a criação do jardim fundamenta-se no princípio de que “cada composição deve ser em função da forma de viver, da área, das peculiaridades de cada caso, da utilização e do clima” (Marx, 1994, p.210). Haruyoshi Ono, em entrevista concedida em 2011^{iv}, complementa que:

Cada lugar tem suas peculiaridades, a começar pela vegetação e o clima. **Tudo isso tem que ser levado em consideração**. Além dos hábitos e costumes, que, por exemplo, do Nordeste são diferentes do Sudeste. Tudo isso deve ser considerado, caso contrário, perde-se a identidade do ambiente [Grifo nosso].

A Praça da Revolução acompanhou o crescimento da cidade de Rio Branco, desde que o território acreano ainda pertencia à Bolívia. Segundo informações da Fundação Municipal Garibaldi Brasil, com o tempo esta praça tornou-se o principal espaço público da capital e um dos poucos pontos de diversão, sendo considerada pela população como um monumento simbólico de sua história. Sua significância para o povo acreano traduz o espírito do lugar.

Haruyoshi Ono buscou interpretar estes significados com o objetivo de resgatar o sentimento de apropriação do espaço pela população aliado à conservação ambiental do lugar, para originar sua criação. Este foi um dos princípios fundamentais para a elaboração do projeto paisagístico, pois conforme Ono descreveu em entrevista concedida em 2012^v:

A intenção política era requalificar a área que estava desvalorizada na época, porque antes era o ponto de encontro da cidade, mas tinha sido abandonado, (...) e estava degradado, as árvores muito maltratadas. Desta forma, decidiu-se revitalizar esse local (...).

Um dos aspectos característicos da antiga praça era a presença de vendedores ambulantes que, distribuídos de maneira informal, tornavam o ambiente desorganizado. Haruyoshi Ono propôs no projeto paisagístico um espaço próprio para a atividade comercial através da locação de quatro quiosques padronizados que conformam um local destinado à alimentação. Os quiosques totalizam oito pontos comerciais, dos quais quatro estão destinadas ao comércio de tacacá (iguarria da Região Norte), e os outros se fracionam em lanchonete, sorveteria e vendas de doces nacionais. Estes foram situados numa área próxima ao Quartel da Polícia Militar e à Avenida Brasil. E, como apoio para este uso foram dispostos bancos com arborização que se voltam para a apreciação da composição paisagística.

Haruyoshi Ono também incorporou ao projeto duas bancas de revistas já existentes no local, que foram substituídas por novas unidades. Elas foram locadas uma próxima a área destinada à alimentação e a outra no lado oposto da praça, na imediação do prédio da Prefeitura Municipal de Rio Branco (Figura 2).

Figura 2: Banca de Revistas da Praça da Revolução próxima ao edifício da Prefeitura, AC.



Fonte: Acervo do escritório Burle Marx e Cia Ltda.

Haruyoshi Ono também priorizou o uso destinado ao pedestre. Em entrevista concedida em 2012^{vi}, ele relata que a área antes configurava duas praças, pois era cortada exatamente no meio por uma rua, com funções mal definidas. O exíguo traçado fragmentava a praça, caracterizado por desníveis, cujos canteiros eram situados em níveis mais altos com diferença de 30 a 40 cm, e o trajeto era percorrido num plano mais baixo. “Era um labirinto”, ele recorda. Segundo Ono, isso provavelmente

foi um artifício utilizado para as pessoas não “cortarem caminho” (Figura 3). E, descreve: “A intenção primeira foi transformar essas duas praças numa área de praça mesmo. Num lugar que se pudesse percorrer a vontade, sem as limitações de percorrer caminhos”.

Figura 3: Antiga Praça Plácida de Castro na década de 60, com destaque para a alameda de veículos fragmentando o espaço.

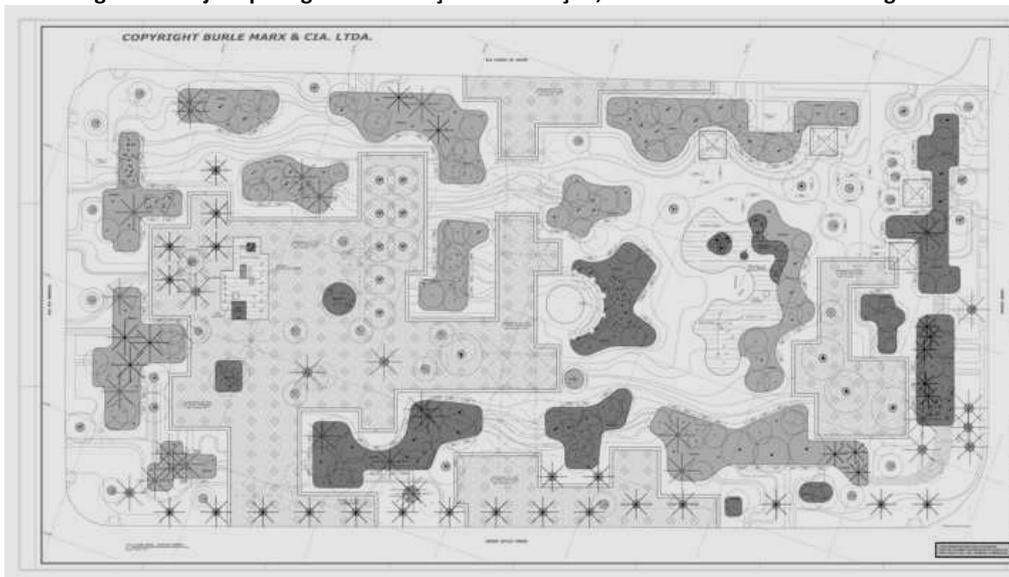


Foto: Acervo da Fundação Municipal Garibaldi Brasil.

A situação da Praça da Revolução localizada entre agências bancárias, escolas, o Quartel da Polícia Militar, a sede da Prefeitura da Cidade de Rio Branco, e a Biblioteca Municipal, define sua centralidade na paisagem, de modo que uma das características é o constante fluxo de pessoas transitando nesse local. De acordo com entrevista concedida em 2012^{vii}, Ono descreve que a forma que configurava a antiga praça, fragmentando o espaço, dificultava sua interlocução com o entorno, prejudicando também o deslocamento em seu interior. Desta forma, Ono em seu projeto paisagístico removeu a alameda de automóveis do traçado anterior, e configurou a praça numa forma integrada em um plano único, formando um todo coeso (Figura 4).

Assim, com a forma gerada a monumentalidade do edifício histórico do Quartel da Polícia Militar permanece valorizada, e possibilita a comunicação da praça com o entorno, facilitando também o deslocamento em seu interior.

Figura 4: Projeto paisagístico da Praça da Revolução, demonstrando a forma integrada.



Fonte: Acervo do escritório Burle Marx e Cia Ltda.

Um dos aspectos mais característicos do projeto está relacionado à paginação de piso de seu traçado. Para esta criação, Ono buscou inspiração em desenhos indígenas de várias etnias da região. Nesse sentido, Haruyoshi Ono, em entrevista concedida em 2012^{viii}, relata:

Eu acredito que a gente está perdendo as referências do passado, e eu acho importante preservá-las em qualquer comunidade, em qualquer aglomerado numa cidade. A gente tem que manter um testemunho do passado, que é importante, senão se perde essa referência. Ainda mais hoje. Por exemplo, antigamente na minha juventude, a gente ia pro Norte e encontrava comidas típicas, artesanato típico. No Nordeste, era diferente, assim como no Sul. Cada região tinha seus costumes, e sua cultura bem característica. Hoje em dia não, as coisas se mesclaram. Em todo lugar que a gente vai, no Brasil inteiro, no Norte a gente encontra coisas do Nordeste, no Sul a gente encontra coisas do Sudeste. É bom que haja isso, claro, mas tem que haver algo que mantenha a cultura.

A cultura indígena representa uma parte da identidade do povo do Estado do Acre. O índio foi o primeiro povo a habitar o território acreano. Atualmente, cerca de 3,0% da população indígena do país habita este estado, distribuída entre 14 etnias reconhecidas e organizadas, de acordo com relatos do historiador Marcos Vinícius Neves, presidente da Fundação Municipal Garibaldi Brasil. Na segunda metade do século XIX, esta população significava 150 mil índios nativos entre 50 povos, que tinham história própria, modos de vida, sua religião, sua sabedoria, enfim sua própria cultura e tradições. Ao longo do tempo, muitos desapareceram devido a doenças e à violência. Alguns ainda sobrevivem e lutam por sua inclusão social e pela preservação de seus costumes.

Nessa perspectiva, Haruyoshi Ono, em entrevista concedida em 2012, descreve que “pela valorização da tradição e dos costumes do local”, concebeu parte da paginação de piso a partir da referência dos desenhos indígenas. E, descreve:

Então, baseado nisso, a gente pensou em alguma coisa que lembrasse as pessoas ao andar (...) e àquelas que estão no alto nos prédios do entorno, que vissem que existe algo no chão, um desenho, **uma intenção**. A gente queria marcar essa praça, e mostrar isso no piso. Estudamos vários desenhos típicos dos indígenas, elegemos um, e fizemos uma adaptação. (Grifo nosso).

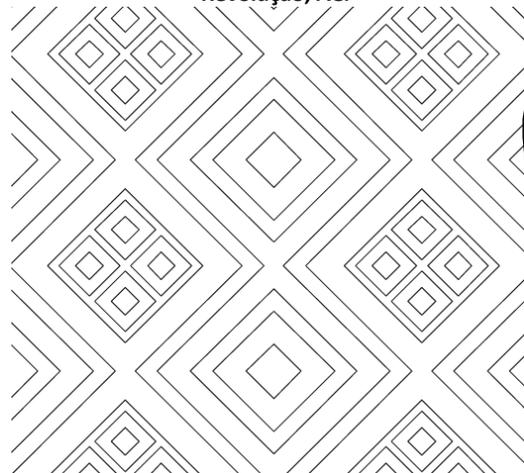
Assim, Ono em sua criação deu origem a uma representação figurativa dos desenhos indígenas, que forma um mosaico construído em pedras portuguesas nas cores branca, preta e vermelha. Este piso é realçado pelo contraste com linhas orgânicas, executado em pedra portuguesa branca e preta. A relação entre os dois desenhos e suas cores realça o efeito pictórico do traçado (Figuras 5 e 6).

Figura 5: Desenhos indígenas expressos em pintura corporal e artesanato, representativos da cultura Yawa, etnia acreana.



Foto: Onofre Brito (s/d).

Figura 6: Detalhe do projeto do desenho de piso inspirado em desenhos indígenas na Praça da Revolução, AC.



Fonte: Acervo do escritório Burle Marx e Cia

A interpretação de Ono do espírito do lugar também pode ser evidenciada pela presença de dois objetos históricos na Praça da Revolução, como o coreto e a estátua do Cel. Plácido de Castro. De acordo com informações da Fundação Municipal Garibaldi Brasil, a estátua do coronel gaúcho Plácido de Castro foi erguida em 1964, em homenagem a um dos heróis da Revolução Acreana. Graças a isso, o povo passou espontaneamente a chamá-la na época de Praça Plácido de Castro. A construção do coreto remonta ao ano de 1966, quando se tornou palco de apresentações culturais, e representava um dos pontos de diversão da população rio branquense.

Compreende-se assim que esses dois elementos possuem valor simbólico para a população da cidade, e são representativos da identidade da praça, bem como do espírito do lugar. Desta forma, Haruyoshi Ono, em entrevista concedida em 2012^{ix}, relatou sobre a concepção da Praça da

Revolução: “Valorizamos dois elementos que eram importantes nessa praça: um coreto antigo, e uma escultura em homenagem ao Plácido de Castro, o herói do Estado”.

Assim, partindo deste princípio para a criação da nova configuração da praça, Haruyoshi Ono dispôs a estátua de Plácido de Castro no centro de um espelho d’água. Esse elemento, juntamente com o coreto e outro espelho d’água, forma o principal eixo de interesse na composição paisagística. O coreto continuou sendo um dos principais pontos de atrativo na Praça da Revolução, tal como acontecia anteriormente com a Praça Plácido de Castro. Ele foi apenas restaurado ganhando nova cobertura, onde a vegetação situada posteriormente a ele se encarrega de complementar o efeito cênico.

Ono ainda integrou uma criação escultórica de sua autoria à composição paisagística. A escultura representa uma homenagem ao povo que lutou na Revolução Acreana, e que ajudou a tornar o Acre um território brasileiro. O monumento possui 12 metros e foi feito em aço carbono, cuja caracterização privilegiou formas abstratas. Devido a magnitude de sua forma e seu porte, a escultura tornou-se uma referência na Praça da Revolução.

Nas características que distinguem o espírito do lugar está inclusa também a relação com as características físicas do local. Como foi visto, de acordo com Norberg-Schulz, a vegetação nativa é representativa do espírito do lugar, pois identifica um determinado local diferenciando-o de outros (Norberg-Schulz in Nesbitt, 2008).

Haruyoshi Ono relacionou sua criação com o meio ambiente, buscando interpretar suas peculiaridades, e incluir preocupações ecológicas no sentido lato, associadas ao local de sua intervenção. Em entrevista concedida em 2011^x, Ono relata que os elementos mais importantes da composição paisagística são a vegetação e a água, e para a concepção ele contou com a colaboração de engenheiros agrônomos e botânicos, para auxiliar na especificação da vegetação.

O componente aquático foi utilizado por meio de duas unidades, uma situada próxima a sede da Prefeitura Municipal de Rio Branco, que abriga a estátua do herói Cel. Plácido de Castro, e a outra em maior dimensão e localizada no extremo oposto, que envolve a escultura aos Heróis Anônimos. Ambos possuem esguichos que animam sua superfície e iluminação sub-aquática.

No que tange à escolha da vegetação, De acordo com informações da Fundação Municipal Garibaldi Brasil^{xi}, o ajardinamento inicial da praça ocorreu em 1966, pela atuação de um paraibano Manoel

Alves Cavalcante de Albuquerque, que ficou responsável por sua manutenção por mais de 20 anos. Ele construiu o jardim inspirado em modelos franceses e alemães, em traçado ortogonal.

Haruyoshi Ono, em entrevista concedida em 2012^{xii}, descreve que conservou a maior parte da vegetação pré-existente na antiga Praça Plácido de Castro para a concepção da Praça da Revolução. Nesse sentido, Ono destaca: “Privilegiamos a vegetação autóctone, além da que já existia, acrescentamos outras. Pois, fizemos uma pesquisa sobre a vegetação local. Andamos com o pessoal do jardim botânico, e vimos as mudas que poderíamos encontrar”.

O arquiteto ainda priorizou na composição florística da praça a especificação da vegetação nativa no porte arbóreo, proveniente dos domínios da Floresta Amazônica e Cerrado. Foram acrescentadas 145 unidades de árvores e arbustos, dentre as quais utilizou também espécies exóticas, especialmente para o porte arbustivo e forração, quando em sua intenção a combinação resultaria em melhores efeitos estéticos.

Haruyoshi Ono, em entrevista concedida em 2011^{xiii}, descreve que atentou inclusive para a vegetação presente no entorno imediato do local de intervenção. Isto não só confere legibilidade e identidade à paisagem, como assegura o equilíbrio dos sistemas ecológicos.

Uma das iniciativas de Ono para atingir este fim foi entender a área da praça não como um ponto isolado na paisagem, e sim integrada num contexto, portador de significados materiais e imateriais. Sobre sua maneira de criar a paisagem, Haruyoshi Ono, em entrevista concedida em 2011^{xiv}, descreve: “Tem que conhecer bem o local para onde o projeto se destina, observar o entorno. Isso é muito importante, porque o projeto, independente do tamanho, vai fazer parte de um conjunto, vai ser inserido.”

Apesar de não existir um método único para análise da paisagem, estudos têm sido expostos revelando a importância da compreensão holística, que integre aspectos físicos, biológicos, econômicos, políticos, sociais, culturais. Tal conjunção já era proposta por Roberto Burle Marx desde primórdios do século XX. Sua visão representa de forma ampla não somente a clareza que ele tinha de seu ofício, mas a noção de um todo que está além dos processos ecológicos e se preocupa com os aspectos culturais e sociais, cujo objetivo era sensibilizar o indivíduo, para que, a partir dele, se processem as mudanças necessárias à continuidade da vida.

A concepção paisagística de Haruyoshi Ono está em harmonia com este pensamento, pois segundo descreve em entrevista concedida em 2011^{xv}: “as coisas foram sucedendo naturalmente, e (...) eu

acho que não houve uma descontinuidade na forma de projetar.” Desta forma, a partir deste princípio, Ono estabeleceu um “corredor ambiental” integrando a concepção da Praça da Revolução a outros logradouros, presentes no entorno.

Vista dessa maneira, compreende-se a dimensão sustentável da conservação da paisagem de um lugar, enquanto fenômeno portador dos aspectos físicos e biológicos de um local, e de sua cultura, intimamente ligado ao sistema de representações, de significados, de valores que criam uma identidade que se manifesta mediante construções compartilhadas socialmente e expressas espacialmente.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do estudo da criação da Praça da Revolução entende-se a importância da conservação da paisagem frente às intervenções no ambiente urbano, que deve ser vista como um bem patrimonial das sociedades. Como Ono descreveu, ele busca interpretar as percepções dos indivíduos diante dos estímulos proporcionados pela composição do espaço, e revela o compromisso ético do paisagista contemporâneo.

O projeto paisagístico de requalificação da Praça da Revolução não é apenas produto de determinantes exteriores, nem somente resultado de intuições criativas. Intimamente ligado ao foro artístico e estético, destina-se a obter o maior grau possível de emoção perceptiva dos habitantes. Para tanto, Ono entende que o recurso ao passado é indispensável, numa atitude interpretativa de valores culturais, e de tradução para o contexto atual.

Interpretando as peculiaridades de cada local, sejam elas físicas ou culturais, ele expressa este princípio com a finalidade de conceder significado ao jardim. Cauquelin refere-se que, para fazer ver o que não se pode ver, para sugerir o invisível, os criadores buscam “a estrutura oculta que preside à existência da paisagem” (2007, p. 167). E é na busca pela identidade de cada local e pela apreensão de suas vivências, signos culturais, entendendo o valor de sua precedência, para dar origem ao seu produto criativo, que Ono contribui para reforçar o vínculo dos habitantes com os lugares em que intervém.

Ao utilizar a flora nativa como um dos principais elementos compositivos, Haruyoshi Ono a “artealiza”, utilizando o termo adotado pelo filósofo Alain Roger (1994) que significa algo que é derivado da arte. Em outras palavras, através da arte do jardim, Ono faz uso da vegetação antes

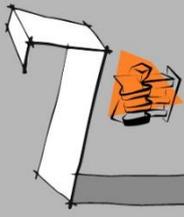
restrita às matas e florestas brasileiras, e a torna paisagem. Roger reflete que é preciso o contato humano para que haja paisagem.

A paisagem é assim uma “invenção”, como diz Anne Cauquelin (2007). É uma invenção porque é preciso o substrato cultural ao elemento natural, ou seja, a paisagem é “sempre uma criação cultural” (Roger, 1994) (texto traduzido). Ainda conforme Roger, a apreciação da paisagem de um local é parte de uma criação cultural. Desta forma, na referida praça, o olhar cultural é intercedido pela linguagem paisagística de Ono, através da qual ele embasa uma conexão entre elementos naturais e valores culturais.

Porém, para que esta mediação aconteça, Ono busca entender as sensações do público perante novas propostas, e com isso ele reserva em sua intervenção relativa harmonia na paisagem. Tal fato é devido à permanência de determinadas características paisagísticas, que ele ao intervir, busca conservar. Trata-se da “retórica” implícita na paisagem, como reflete Cauquelin (2007).

A noção de paisagem instaurada numa sociedade, conforme Augustin Berque (1994), leva a pensar de maneira precisa, fruto de longo e complexo aprendizado, que conduz a modificar o meio motivado em determinado sentido. Desta forma, Ono interpreta a relação entre a sociedade-cultura-meio ambiente, decifrando as dobras da paisagem, para então dar origem ao seu produto criativo. Sendo assim, a paisagem criada por Ono na Praça da Revolução, antes de ser uma construção individual, é produto da evolução das representações coletivas, de saberes inscritos na paisagem.

Desta maneira, Ono torna visíveis ocorrências significantes da cultura tropical brasileira por meio desta concepção, e requalifica a vida social e a paisagem de Rio Branco. Esta praça, que é especialmente vivenciada pelo povo acreano, um dos mais miscigenados do país, e morador de um território dos mais afastados dos grandes centros urbanos nacionais. Um povo que - a exemplo da voz do seringueiro Chico Mendes e do paisagista Roberto Burle Marx - luta em defesa de sua cultura e de seu meio ambiente.



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

4 NOTAS

ⁱ Informações obtidas a partir de contato via endereço eletrônico com a Fundação Municipal de Cultura Garibaldi Brasil, em 22 de Maio de 2012.

ⁱⁱ Entrevista realizada com o arquiteto Haruyoshi Ono em 6 de junho de 2012, no escritório Burle Marx e Cia Ltda.

ⁱⁱⁱ Disponível em:

http://www.international.icomos.org/quebec2008/quebec_declaration/pdf/GA16_Quebec_Declaration_Final_PT.pdf.

Acesso em: 27 de Julho de 2012.

^{iv} Entrevista realizada com o arquiteto Haruyoshi Ono em 28 de julho de 2011, no escritório Burle Marx e Cia Ltda.

^v Entrevista realizada com o arquiteto Haruyoshi Ono em 6 de junho de 2012, no escritório Burle Marx e Cia Ltda.

^{vi} Entrevista realizada com o arquiteto Haruyoshi Ono em 6 de junho de 2012, no escritório Burle Marx e Cia Ltda.

^{vii} Entrevista realizada com o arquiteto Haruyoshi Ono em 6 de junho de 2012, no escritório Burle Marx e Cia Ltda.

^{viii} Entrevista realizada com o arquiteto Haruyoshi Ono em 6 de junho de 2012, no escritório Burle Marx e Cia Ltda.

^{ix} Entrevista realizada com o arquiteto Haruyoshi Ono em 6 de junho de 2012, no escritório Burle Marx e Cia Ltda.

^x Entrevista realizada com o arquiteto Haruyoshi Ono em 28 de julho de 2011, no escritório Burle Marx e Cia Ltda.

^{xi} Informação obtida a partir de contato via endereço eletrônico com a Fundação Municipal de Cultura Garibaldi Brasil, em 22 de Maio de 2012.

^{xii} Entrevista realizada com o arquiteto Haruyoshi Ono em 6 de junho de 2012, no escritório Burle Marx e Cia Ltda.

^{xiii} Entrevista realizada com o arquiteto Haruyoshi Ono em 28 de julho de 2011, no escritório Burle Marx e Cia Ltda.

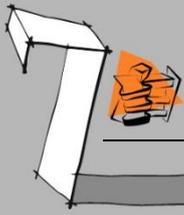
^{xiv} Entrevista realizada com o arquiteto Haruyoshi Ono em 28 de julho de 2011, no escritório Burle Marx e Cia Ltda.

^{xv} Entrevista realizada com o arquiteto Haruyoshi Ono em 28 de julho de 2011, no escritório Burle Marx e Cia Ltda.

5 AGRADECIMENTOS

Agradecimentos ao arquiteto paisagista Haruyoshi Ono e à equipe do escritório Burle Marx e Cia Ltda., pelas informações gentilmente cedidas.

Agradecimentos à professora Dr^a Ana Rita Sá Carneiro, pela orientação nesta pesquisa, bem como à Facepe, pelo auxílio concedido.



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

6 REFERÊNCIAS

- AB'SABER, Aziz Nacib. *Os domínios da natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- ACSELRAD, Henri. Discursos da sustentabilidade urbana. In: *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*. nº01/ 1999. ANPUR - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional.
- CAUQUELIN, Anne. *A invenção da paisagem*. São Paulo: Martins, 2007.
- JACOBI, Pedro. "Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade". Artigo científico. In: *Cadernos de Pesquisa*. n. 118, p. 189-205, março/ 2003
- MAGALHÃES, Manuela Raposo. *A arquitetura paisagista: morfologia e complexidade*. Lisboa: Editorial Estampa, 2001.
- MARX, Roberto Burle; TABACOW, José (Org). *Arte e paisagem*. São Paulo: Studio Nobel LTDA, 2004.
- MELO, Vera Lúcia Mayrinck de Oliveira. "A paisagem sob a perspectiva das novas abordagens geográficas". Artigo científico. Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina, 2005.
- NESBITT, Kate (Org.). *Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995)*. 2ªed. São Paulo: Cosac Naify, 2008.
- NORBERG-SCHULZ, Christian. O fenômeno do lugar. In: NESBITT, Kate (Org.). *Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995)*. 2ªed. São Paulo: Cosac Naify, 2008.p. 444-459.
- Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. *Nosso futuro comum*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1991
- ROGER, Alain. Historie d'une passion théorique ou comment on deviant un raboliot du paysage. In: BERQUE, A (Org). *Cinq propositions pour une théorie du paysage*. Paris: Champ Valon, 1994.
- TORRES, Cristina Menezes; HOLZER, Werther. "Paisagem cultural: saber, instrução para a sustentabilidade ambiental urbana". Artigo Científico. Disponível em: >www.usp.br/nutau/CD/32.pdf<. Acesso em 05/07/2010.